

PHILLIP E. JOHNSON

# CIÊNCIA, INTOLERÂNCIA E FÉ

*A cunha da verdade:  
rompendo os fundamentos do naturalismo*

TRADUÇÃO

*Elizabeth Gomes*



**Editora Ultimato**  
Viçosa, MG

# SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	11
<i>Introdução</i>	15
1. O QUE A UNIVERSIDADE FEZ COM A MINHA RELIGIÃO <i>Como diferenciar a razão da racionalização?</i>	23
2. O DILEMA DA INFORMAÇÃO <i>A lei natural e o acaso podem criar a informação genética?</i>	45
3. A EDUCAÇÃO CIENTÍFICA: UMA CONTROVÉRSIA <i>A ciência pode ser defendida com métodos impositivos?</i>	71
4. CIÊNCIA E TEOLOGIA MODERNISTA <i>A teologia oferece algum conhecimento?</i>	95
5. O DARWINISMO DA MENTE <i>O ser pensante, capaz de fazer escolhas, é uma ilusão?</i>	117
6. O IMPÉRIO CONTRA-ATACA <i>Quais são os argumentos contrários ao Projeto Inteligente?</i>	139
7. CONSTRUINDO UM NOVO FUNDAMENTO PARA A RAZÃO <i>E se começarmos com a Palavra?</i>	159
8. OTIMISMO TECNOLÓGICO E DESESPERO LITERÁRIO <i>Como reparar a divisão no conhecimento?</i>	181
<i>Notas</i>	195
<i>Índice Onomástico</i>	211

## PREFÁCIO

AO LER ESTE LIVRO, não podemos perder de vista o que realmente está em discussão: a autoridade que certo *estilo* intelectual e moral conquistou em nossos dias. É ele que define o que é “aceitável” ou “bem-sucedido” nas atuais instituições acadêmicas e organizações profissionais. Será que esse estilo tem o direito de determinar as conclusões definitivas sobre a realidade e a vida da razão?

A razão é a capacidade humana de determinar, por meio do *pensamento*, o que é ou não real. Séculos atrás, o pensador honesto tinha de estar disposto a seguir a pergunta ainda que esta conduzisse a um Universo sem Deus. O mesmo se dá com o pensador honesto de hoje. Ele tem de se dispor a seguir a pergunta ainda que esta conduza a um Universo governado por Deus. Atualmente, esta última possibilidade é o motivo de aqueles que se julgam responsáveis por tudo que é razoável e certo se tornarem intolerantes e arrogantes. Eles não suportam estar errados sobre a não existência de um Deus real, pois agora todo o nosso sistema educacional é baseado nessa suposição, como há algum tempo tinha como base a hipótese da existência de Deus.

Assim, como Phillip Johnson explica e ilustra tão bem, a razão vem sendo trocada pela racionalização. E racionalizar é usar o raciocínio para assegurar que se chegue ao lugar “certo”. Não faz muito tempo, os intelectuais achavam que o mais importante era avaliar a conclusão pelo método que fora empregado para se chegar até ela. Caso o método fosse aprovado, a conclusão receberia aceitação, mesmo que provisória. Hoje em dia, infelizmente, o que se avalia é se o método conduz à conclusão “certa”, em conformidade com o consenso institucional firmado em torno de grandes personalidades. Se não chegamos à conclusão “correta”, nosso método é errado, e, provavelmente, somos maus. E, sendo assim, passarão a usar de ironia ao se referir a nós.

É claro que essa conduta é algo muito antigo na história humana, mas é sempre difícil identificá-la. As certezas atuais nunca parecem racionalizações, senão, não seriam convicções contemporâneas. O caráter da racionalização se oculta sob uma capa de autoridade benigna.

Para nós hoje, a autoridade é a ciência. A *ciência*, nos disseram, declara isso ou aquilo. É melhor acreditarmos nisso. Entretanto, a ciência não diz nada. Ela mesma não pode fazer declarações. Somente os cientistas dizem as coisas. E estes podem ser surpreendentemente nada científicos e muitas vezes cometem erros incríveis – como os eventos sempre revelam com o tempo. Além do mais, muitos porta-vozes da ciência não são cientistas ou não possuem qualificações dentro da área em que se pronunciam. Contudo, se conseguem assumir de alguma forma uma aura de “científico”, são capazes de racionalizar à vontade e, com isso, ainda encontrar quem os ouça.

Phillip Johnson é implacavelmente lógico. Isso quer dizer que ele insiste que se tenha uma boa ou, pelo menos, uma mínima evidência para se sustentar uma alegação — apresentar evidência é contrário ao método que conduz à conclusão

chamada “correta”. Essa característica é irritante, e muitas pessoas se incomodam com sua insistência na apresentação de evidência. Mas essa persistência é o que, desde a Antigüidade, caracterizou a obra científica – não um conjunto de conclusões que deva ser defendido a todo custo. É a evidência que dirige a Cunha da verdade.

Na cultura ocidental de hoje, a questão real é saber quem tem o direito de estabelecer as normas políticas. O conhecimento confere o direito de agir e de dirigir. Então, a pergunta se torna esta: Quem pode dizer o que é conhecimento? Quem consegue definir o conhecimento de forma bem-sucedida, de forma que suas convicções sejam tidas como conhecimento e as dos outros não o sejam, essa pessoa conseguirá estabelecer as normas políticas e dirigir a vida humana.

Contudo, se o indivíduo conseguir definir com sucesso o conhecimento em termos de “ciência” materialista, não haverá mais conhecimento para nortear a vida, pois a “ciência” interpretada de forma materialista nada diz sobre como a vida deve ser vivida. Só pode ajudá-lo se ele já souber como a vida deve ser vivida. É exatamente isso o que o naturalismo, de forma inconsistente, admite, porque as *suas* respostas a respeito de como a vida deve ser vivida — e certamente ele as tem — não podem derivar da ciência que ele proclama ser a fonte de todo conhecimento. Desse modo, leva-se à racionalização em vez do raciocínio. E assim, como perspectiva intelectual, tem-se apenas um estilo, sem nenhum conteúdo.

Ao ler este livro, examine a evidência e aspire a intelectualidade que mantém a mente genuinamente aberta.

*Dallas Willard*

# INTRODUÇÃO

IMAGINE A CENA. VOCÊ ESTÁ dirigindo por uma estrada estreita. De um lado, há um penhasco; do outro, um precipício. De repente, você depara com um enorme tronco bem à sua frente. A tora é pesada demais, não dá para erguê-la e não há como se desviar dela. Se você quiser prosseguir, terá de encontrar uma maneira de dividi-la em pedaços. Só assim poderá tirar a barreira do caminho. E, felizmente, isso pode ser feito. A madeira parece sólida, mas certamente tem rachaduras, alguma forma de penetrá-la profundamente. O que você precisa fazer é inserir a fina ponta de uma cunha na rachadura mais funda. Depois, é só enfiar aos poucos a parte mais grossa da ferramenta na tora até que a rachadura aumente e a madeira se parta.

Nessa metáfora, a tora é a filosofia reinante da cultura moderna. É a filosofia denominada naturalismo, materialismo, fisicismo ou simplesmente *modernismo*. Não importa qual desses nomes ela receba. O certo é que ela defende que no começo havia partículas básicas que compõem a matéria, a energia e as leis impessoais da física. Essa idéia tem um efeito negativo, pois não admite a existência de um Deus pessoal que tenha criado o cosmos e ainda o governa num ato de sua livre vontade. E, de qualquer modo, se Deus existe, age somente por meio das leis invioláveis da natureza e nada acrescenta a elas. Portanto, toda a criação se deu por meio de leis e de partículas, ou seja, por alguma combinação de acaso e regularidade preestabelecida. Baseados nessa suposição filosófica, os cientistas modernos deduzem que todos os vegetais e os animais são produto de um processo evolutivo, não-dirigido e sem um propósito definido. Acreditam também que a humanidade é apenas uma espécie animal, e que não foi criada singularmente à imagem de Deus.

Essa filosofia dirige o trabalho acadêmico, não só na ciência, mas em todos os campos, incluindo direito, literatura e psicologia. É difundida no sistema educacional e nos principais meios de comunicação, pois recebe o apoio dos governos. À primeira vista, pode nos parecer impossível movê-la, como aquela imensa tora lá na estrada da montanha. Mas, num exame mais detalhado, descobrimos que esse tronco tem várias rachaduras. A fenda mais importante na tora modernista é a diferença que há entre duas definições de ciência que são bem distintas.

Por um lado, os modernistas dizem que a ciência é a busca imparcial de fatos, uma avaliação objetiva e sem preconceito das evidências. Nesse sentido, a ciência depende de observação e de cálculos cuidadosos, e, acima de tudo, de experiências repetidas. Essa espécie de ciência objetiva é o que torna possível a tecnologia, e onde ela pode ser aplicada. É realmente o modo mais confiável

de determinar os fatos. Por outro lado, os modernistas também identificam a ciência com a filosofia naturalista. Nesse caso, a ciência tem o compromisso de encontrar e endossar explicações naturalistas para todos os fenômenos – *independentemente dos fatos*. Essa espécie de ciência não está livre do preconceito. Pelo contrário, ela *se define* por um preconceito. O preconceito é que todos os fenômenos podem, no final, ser explicados em termos de causas puramente naturais, ou seja, causas não-inteligentes.

A “cunha” à qual o subtítulo deste livro se refere é um movimento informal de pensadores como eu, com os quais tenho desempenhado um papel de liderança. Nossa estratégia é enfiar a fina lâmina da cunha nas rachaduras da tora do naturalismo, levantando perguntas há muito esquecidas, e trazendo-as ao debate público. É claro que o trabalho não se resume à penetração inicial. Isso porque a cunha só pode rachar a tora se ela for ganhando corpo à medida que penetra. Se levantarmos as questões acertadas, após longo período em que estas ficaram abafadas, então, mais possibilidades de indagação deverão ser sugeridas, e o pensamento tomará novas direções. Surgirá, aos poucos, um novo corpo acadêmico de pesquisas e, com o tempo, os que aderiam ao antigo dogma ficarão para trás, incapazes de compreender as perguntas que de repente se tornaram importantes demais para serem ignoradas.

Os primeiros passos para aumentar a espessura da Cunha firmam-se em sua proposta central: a inteligência é um fenômeno verdadeiro que pode ser cientificamente identificado e que não pode ser reduzido a causas materiais. O bioquímico Michael Behe descreveu a complexidade irreduzível dos organismos no nível molecular. Ele explicou por que o mecanismo neodarwiniano de mutação ao acaso e de seleção natural não produzem adaptações irreduzivelmente complexas. William Dembski tomou nossas idéias sobre o projeto inteligente e as formulou rigorosamente



em termos tanto filosóficos quanto matemáticos.\* Obras que vêm sendo escritas explicarão como o preconceito darwinista tem distorcido a evidência científica na documentação de fósseis, no desenvolvimento embrionário, nos estudos sobre a origem da vida, e na genética. Outro trabalho que está começando a tomar forma vai traçar um programa de pesquisa e de anotações sobre assuntos como história, que enfoca, por exemplo, o racionalismo triunfalista do iluminismo que há muito definiu os problemas e prescreveu as conclusões. Os pensadores com trajetória marcante no século 21 não irão apenas construir sobre as realizações do século 20. Eles irão também caminhar por novos rumos que hão de exigir reconsideração de muito do que aceitamos como verdadeiro. Este será um século empolgante — e provavelmente muito perigoso.

Este livro não trata das partes mais grossas da Cunha, embora eu descreva algumas delas. Os cientistas e acadêmicos que trabalham nesses assuntos terão a oportunidade de falar por si mesmos. Assim, escreverei apenas resumidamente sobre o que está por vir, deixando que o leitor procure mais detalhes sobre os livros e as coleções à medida que eles surgirem. Meu trabalho continua sendo a lâmina fina que faz penetrar a cunha à medida que as partes mais espessas abrem a rachadura. Quero esclarecer para o público — especialmente cristão — o pensamento fundamental que está por trás da estratégia da Cunha. É hora de explicar com mais detalhes como o projeto da Cunha se encaixa de modo específico no evangelho de Cristo (difere do

---

\* Os leitores que queiram compreender a cunha como um todo podem ler o livro de William Dembski, *Intelligent Design: The Bridge Between Science & Theology* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1999); e os ensaios que ele reuniu em *Mere Creation* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1998). Outra fonte bastante útil é a edição especial dupla da revista *Touchstone* (July-August 1999) dedicada ao movimento do projeto inteligente, que pode ser encomendada pelo site da *Touchstone*: [www.fsj.org](http://www.fsj.org)

teísmo mais genérico) e como e onde se relaciona à questão da autoridade bíblica. À medida que os cristãos desenvolvem uma compreensão mais profunda dessas questões, eles começam a ver mais claramente como as pessoas comuns — especificamente as que não são cientistas nem profissionais das instituições de ensino superior — podem, de forma mais efetiva, confrontar o mundo secular com o evangelho. As pessoas me perguntam continuamente o que está acontecendo e o que elas podem fazer para ajudar. Este livro é uma resposta a essa pergunta.

De início, há algo que o leitor deve entender acima de tudo, quer você seja cristão ou não. Para mim, a coisa mais importante é fazer com que as pessoas formulem as perguntas certas, e não tentar dizer-lhes como *responder* às perguntas. De certo modo, todos os que estão dispostos a buscar as perguntas certas são participantes de nosso programa. E isso independe das respostas que queiram dar. Por exemplo, qualquer pessoa disposta a focar o problema da informação genética, entender o que é e como foi criada, está no caminho certo; quer esteja disposta a recusar uma solução naturalista para o problema, ou não. O dogmatismo floresce pelo obscurecimento, em especial por dar a impressão de que as perguntas realmente importantes não devam ser feitas. Quando essas questões forem expostas ao público de forma clara, a verdade tem uma chance de falar por si mesma.

Essa base define a Cunha como um movimento intelectual, e não confessional. Ele não tem um credo oficial ou uma declaração de fé. No estágio inicial, a pergunta certa tem sido se a ciência e o naturalismo são realmente a mesma coisa, ou se a evidência científica pode estar se afastando das respostas materialistas. Se alguém acha que essa é uma boa pergunta e que merece uma investigação justa, ele está seguindo ao nosso lado — mesmo que essa pessoa pense que a ciência naturalista acabe solucionando os problemas e oferecendo respostas que vão diminuir ainda mais o

valor da crença de que Deus teve papel ativo na criação. Os que discordam da nossa pergunta não são nossos inimigos. Pelo contrário, fazem parte essencial do diálogo, para ajudar-nos a verificar se estamos testando nossas próprias idéias como deveríamos. Se nós, que fazemos parte da Cunha, temos um inimigo, não são aqueles que estão em oposição aberta e sincera contra nossas propostas, mas sim os *ofuscadores* — os que resistem a qualquer definição clara de termos e questões, que insistem em que as organizações científicas devam ser obedecidas sem questionamento, e que se contentam em encobrir as contradições lógicas com concessões superficiais.

Essa ênfase em encontrar as perguntas certas vai prosseguir. E, assim, a Cunha continuará a seguir um programa de base ampla que recebe com boas-vindas a participação de pessoas que discordem umas das outras quanto a muitos pontos. O que mudará são as questões, porque a primeira pergunta que estamos fazendo não será a última. Essa tora da metáfora é apenas um obstáculo e, ao conseguirmos vencê-lo, ainda não teremos chegado ao nosso destino, mas, simplesmente, tornado possível continuar a jornada.

Uma nova espécie de pergunta tem surgido, e o principal objetivo deste livro é falar sobre ela. Suponhamos que os críticos do darwinismo e do materialismo estejam certos. Suponhamos que não haja um mecanismo macroevolutivo capaz de gerar a nova informação genética exigida para a criação da vida. Como poderia o vasto empreendimento científico, dedicado, por definição, à procura da verdade, ser completamente enganado num ponto de tamanha importância? Pode parecer impossível que não apenas cientistas, mas também filósofos e outros estudiosos tenham omitido durante tanto tempo as contradições e as discordâncias comprobatórias que são tão evidentes quando as trazemos à luz. Isso não é impossível de maneira nenhuma. E, quando reconhecermos o que aconteceu, seremos levados a

uma compreensão mais profunda da natureza dos seres humanos e dos problemas fundamentais da condição humana.

Vou dar início ao processo de compreensão desse assunto contando a história verdadeira de um homem que perdeu sua fé em Harvard nos anos de 1920.